

Curso de Psicologia: algumas reflexões sobre o bacharelado e a licenciatura

Maria Madalena Silva de Assunção*

Resumo

Neste artigo propõe-se uma reflexão sobre as lacunas e tensões existentes nos diversos cursos no que diz respeito à formação de bacharéis e licenciados. Para tal abordagem tomase o Curso de Psicologia como exemplo e espera-se que, a partir desse, outros possam ser pensados de modo a romper com a dicotomia existente entre os cursos e institutos formadores. Sustentaram tais reflexões: a estruturação do Curso de Psicologia, a estruturação da licenciatura, o papel da Psicologia e as críticas feitas à Psicologia da Educação na formação de professores(as) e as expectativas dos bacharéis em Psicologia, em relação à docência.

Palavras-chave

Psicologia - Psicologia da Educação - Ensino de Psicologia

Abstract

In this article a reflexion is proposed about the gaps and tensions present in the several courses concerning the formation of bachelors and licenciates. For such approach I'd take the Course of Psychology as an example and I hope that, starting it from other courses can be thought in order to break the dichotomy between the courses and the graduation institutes. Such reflexions are supported by the structuration of Psychology Course, the structuration of licenciateship, the role of the Psychology of Education and the criticism about it in the formation of teachers and the expectations of the bachelors in Psychology, in relation to teaching.

Keywords

Psychology - Psychology of Education - Teaching of Psychology

* Professora da UNI-BH e doutoranda na FaE-UFMG

Considerações iniciais

As discussões e reflexões que ora apresento resultam de minhas atividades acadêmicas e profissionais como professora, há muitos anos, de Psicologia da Educação, em instituições públicas e privadas, nos Cursos de Magistério, Pedagogia e Licenciaturas. São também fruto das observações, levantamentos e discussões que fizeram parte do período em que trabalhei como professora de Prática de Ensino de Psicologia na Faculdade de Educação/UFG, formando os(as) futuros(as) professores(as) de Psicologia da Educação para atuarem no ensino médio.

Os objetivos deste texto são: 1) apresentar a Psicologia da Educação como uma disciplina que, historicamente, vem norteando a formação de professores(as); 2) discutir algumas das críticas feitas à Psicologia da Educação e acrescentar outros elementos a essas críticas, complexificando-as, talvez, e buscando apontar novas reflexões e novos direcionamentos. A formação do(a) futuro(a) professor(a) dessa disciplina constitui um dos pontos importantes nas reflexões realizadas em estudos e pesquisas. Por isso, discuto a respeito das expectativas e da formação obtida por esse profissional, tanto no Curso de origem, no caso, a Psicologia, bem como na Licenciatura que o habilita a "ser professor(a)."

Os elementos para a presente discussão fazem parte de uma pesquisa de caráter teórico e de dados obtidos através de um questionário aplicado a 76 alunos(as) que cursaram a disciplina Prática de Ensino de Psicologia, da qual eu era professora, entre o 2º semestre de 1995 e o segundo semestre de 1997, na Faculdade de Educação/UFG.

Os(as) alunos(as) responderam ao questionário sem se identificar. O questionário era composto de duas partes: a

primeira, que era aplicada no início do semestre, tinha como objetivos saber quem eram os(as) alunos(as), se o que haviam estudado no curso de origem apresentava alguma articulação com a área educacional, em especial com a docência, e o que os(as) levaram a procurar a Licenciatura.

A segunda parte do questionário era aplicada ao final do semestre e abordava as experiências e contatos que os(as) alunos(as) haviam tido com as teorias psicológicas relacionadas à educação, experiências e contatos com a docência, experiências e contatos com a escola e o que pretendiam após tais experiências no que se referia à área educacional. O objetivo foi, portanto, o de verificar, principalmente, se a concepção dos(as) alunos(as) sobre a educação e sobre a possibilidade de se tornarem professores no Curso de Magistério sofreria alterações.

Desse modo, pretendo discutir algumas questões atinentes à Psicologia, à Psicologia da Educação e o seu ensino na formação de professores(as). No entanto, tecer comentários, argumentos e/ou contra-argumentos a respeito de todas as críticas presentes nestes campos constitui-se em tarefa árdua que demanda diversas pesquisas e extrapola as pretensões deste texto. Gostaria de apresentar, entretanto, alguns dados que poderão contribuir para novas considerações sobre algumas dessas críticas.

Dados dos(as) alunos(as) pesquisados(as) e do Curso de Psicologia da UFG

O quadro abaixo mostra, por semestre, o número de alunos(as) matriculados na disciplina e o(as) que responderam ao questionário, bem como o sexo e a faixa etária em que se encontravam.

Caracterização dos(as) alunos(as) por semestre		2º sem./95	1º sem./96	2º sem./96	1º sem./97	2º sem./97
Alunos(as) matriculados(as)		12	14	18	21	11
Questionários respondidos		11	14	12	17	11
Sexo	Masculino	02	-	01	02	03
	Feminino	09	12	11	15	08
Faixa etária		25 a 36 anos	24 a 45 anos	24 a 46 anos	23 a 38 anos	23 a 39 anos

Fonte: Colegiado de Licenciatura da FaE/UFMG e questionários aplicados.

O número de alunos(as) matriculados(as) foi fornecido pelo Colegiado de Licenciatura da Faculdade de Educação/UFMG. A diferença entre alunos(as) matriculados(as) e alunos(as) que responderam ao questionário refere-se, certamente, a alunos(as) que se matricularam e imediatamente após trancaram a matrícula. Todos os(as) alunos(as) já haviam concluído o Bacharelado e um número significativo destes(as) procuraram a Licenciatura após um longo período de sua conclusão. Esse período variou entre 5 e 15 anos, como pode ser inferido do quadro, uma vez que havia alunos(as) com até 46 anos de idade.

Fulvia Rosenberg (1983) constatou em sua pesquisa que a Psicologia, de modo geral, tornou-se uma profissão, quase que exclusivamente, feminina.

Podemos observar entre aqueles(as) que procuram a Licenciatura a quase inexistência do sexo masculino. Se o Curso de Psicologia não é tão atrativo para os homens, menos atrativa é a Licenciatura, por sua intrínseca ligação com a educação, que, por sua vez, por inúmeros motivos, tem uma predominância feminina, o que torna "compreensível" a quase ausência dos homens na Licenciatura de Psicologia.

O Curso de Psicologia na UFMG é organizado a partir das áreas Clínica, Organizacional e Educacional. No entanto, possui características peculiares, se comparado com Institutos de ensino da rede privada ou outros, que também oferecem as mesmas áreas de habilitação. No caso da UFMG, a Licenciatura é oferecida ao aluno(a) como uma possibilidade de complementação de estudos, ou seja, após concluído o bacharelado, o(a) aluno(a) retorna, caso assim o queira, para cursar a Licenciatura. Em outras Instituições, a

Licenciatura geralmente é feita juntamente com o Bacharelado. Mesmo que possa parecer algo sem relevância, isso parece trazer conseqüências importantes para a relação que os(as) alunos(as) estabelecem com a área educacional.

É interessante observar que, apesar de os(as) alunos(as) procurarem a Licenciatura só após a conclusão do Bacharelado, e muitos deles só depois de um longo período após a conclusão deste, o currículo do Curso de Psicologia da UFMG contempla tal possibilidade a partir do 6º período. As razões para essa escolha após o curso talvez sejam melhor entendidas no decorrer deste texto.

A Psicologia e a Psicologia da Educação na formação de professores(as)

É comum nas discussões sobre a qualidade do ensino e a formação de professores(as) iniciativas com propostas de implantar "alterações de estrutura curricular ou de conteúdos curriculares de caráter legalista como se isto pudesse orientar mudanças concretas per se ..." (GATTI, 1993:325). Nesse sentido, Michael Apple (1988), Bernadete Gatti (1993) e Ana Benavente (1991) concordam entre si ao apontar para uma outra dimensão, nem sempre presente nas discussões, que é a de pensar sobre aquele(a) que executa tais mudanças, em que condições o faz e como faz. Além disso, é importante ressaltar que a mudança na prática não é apenas da ordem do didático-pedagógico, mas também resultante do entrelaçamento entre o individual e o coletivo, o afetivo e o psicológico, o social e o institucional. Em

minha pesquisa de mestrado,¹ a maioria das professoras (de 1ª a 4ª séries) que fizeram parte do estudo, como sujeitos da pesquisa, apontaram para uma formação deficitária no curso de Magistério, mas não titubearam em apontar a disciplina Psicologia da Educação como aquela de que mais gostaram e a que mais trouxe contribuições para as práticas. Esta disciplina foi, muitas vezes, adjetivada como uma matéria “gostosa”.

Paradoxalmente, nenhuma professora lembrou-se dos conteúdos estudados em Psicologia da Educação, a não ser de forma bastante fragmentada, sem explicitar também como esse conhecimento a auxiliava em sua prática docente.

A Psicologia da Educação aparece no curso de Magistério envolta em uma promessa de solução para os problemas pedagógicos — função pragmática tão solicitada no campo educacional — que as futuras professoras encontrarão na vida profissional e afetiva. Mas seus resultados parecem estar aquém das promessas que ela faz e que a ela foram imputadas.

Na pesquisa já mencionada, pude observar um interesse especial e uma idealização com relação à Psicologia, o que muito se assemelha ao que já havia vivenciado, como professora, nos cursos de Magistério e de Pedagogia. Mas, paradoxalmente, parece que tanto interesse pela Psicologia não se relaciona de imediato com a formação para a docência, mas com a possibilidade de se trabalhar com as questões pessoais e afetivas relacionadas ao cotidiano da própria aluna. Nesse sentido, a Psicologia passa a atender a uma outra demanda que não somente a de “capacitar” a futura professora. Talvez precisássemos perguntar: Qual é a demanda, que a aluna do curso de Magistério — aquela mocinha de 15-16-17 anos — faz à Psicologia? Seria realmente um saber sistematizado, construído teoricamente que a habilitasse para o magistério? Ou seria o desejo de saber sobre si própria, de seus enigmas, do que é ser feminino/masculino, do que é ser desejada e desejar, do que é ser mãe, dos enigmas do ser criança (muito mais sobre o futuro filho do que o futuro aluno), do que é ser mulher? Não

estaria a demanda, a queixa, o pedido relacionados à “habilitação” para se tornar mãe/mulher/professora? A tantas dúvidas e expectativas, ela, a aluna, espera a resposta da Psicologia, que, por outro lado, se propõe a responder.

É como se a Psicologia viesse, nesses cursos, preencher uma lacuna que não se relaciona especificamente com a questão da profissionalização, mas sim com o saber psi.

Poderíamos hipotetizar que as demais disciplinas, como a Sociologia, a Filosofia, a História da Educação, em suas constituições, acabaram por tratar de um sujeito desprovido de afetividade, de emoção, de subjetividade; enquanto a Psicologia se constituiu, por excelência, como a área do conhecimento que iria estudar o sujeito que sente, que sofre, que pensa, que se frustra, que se alegra, etc, passando a idéia de que ela não se preocuparia com as questões que, aparentemente, parecem estar distantes dos sujeitos. Parece que as alunas não se interessam por questões que se encontram “do lado externo”, como o estudo da sociedade, classes sociais, os(as) historiadores/pensadores da educação, as concepções pedagógicas, entre outros assuntos comuns às disciplinas Sociologia, História, Didática, Filosofia da Educação nos cursos de Magistério e Pedagogia. Esses assuntos parecem, a princípio, não fazer parte nem tampouco tratar do que é imediato e cotidiano na vida das alunas.

Apesar de todas as críticas e reflexões, os cursos de formação de professores(as) deram e continuam dando grande ênfase ao ensino da Psicologia, a qual continua tendo uma centralidade nos pressupostos que orientam a formação dos(as) educadores(as). Ainda que atualmente tenha uma carga horária menos extensa, continua sendo uma disciplina que desperta nos(as) alunos(as) grande interesse e expectativas. Ambigualmente, esse interesse em torno da Psicologia não corresponde a um interesse pelo aprofundamento de um conhecimento teoricamente articulado, como já apontado por pesquisas e por minhas experiências, mas

¹ cf. ASSUNÇÃO, (1994, 1996)

sim a algo da ordem dos interesses pessoais, desejos e perguntas relacionados, principalmente, ao lugar do masculino/feminino.

No estudo realizado por Jane S. ALMEIDA (1993), fica patente a centralidade da Psicologia no Curso Normal, e mais recentemente no Curso Habilitação de Magistério. Esse estudo teve como objetivo verificar a trajetória da disciplina de Prática de Ensino na Escola Normal Paulista, entre 1846 e 1990. É possível visualizar nesse período o crescimento da Psicologia nos cursos de formação, que, inclusive, em determinados momentos, supera em carga horária quase todas as demais disciplinas, com exceção da disciplina Metodologia e Prática de Ensino Primário.

A mesma autora constata outro fato, histórico, através do qual podemos observar o grande "poder" da Psicologia, ao citar o art. 26, parágrafo 2º do Decreto nº 34.547/59, do Estado de São Paulo, que exigia que no verso do diploma do Curso Normal constasse as médias obtidas em Psicologia e Psicologia Geral e Educacional e em Metodologia e Prática de Ensino Primário.

Nos diversos Decretos que alteram o ensino das Escolas Normais de São Paulo, fica evidente a predominância do ensino da Psicologia em relação às demais disciplinas. Esse fato, certamente, não ocorreu apenas em São Paulo, uma vez que a história da inserção e a consolidação da Psicologia no Brasil apresentam muito mais semelhanças que diferenças, nos diversos Estados.

Esse lugar que a Psicologia ocupa no Curso de Magistério tem, com certeza, uma história. Falo de um lugar não só no que diz respeito à carga horária, aos conteúdos programáticos etc, mas principalmente desse lugar que ela ocupa no imaginário e se resvala nas expectativas das alunas.

Críticas à Psicologia e ao ensino da Psicologia da Educação

Assim como a formação dos(as) professores(as) para o ensino fundamen-

tal (1ª a 4ª séries) há muito vem sofrendo inúmeras críticas, análises e sugestões para mudanças que venham contemplar as necessidades oriundas da prática, a Psicologia da Educação tem se tornado, também, objeto dessas análises e críticas, talvez, pela hegemonia da abordagem psicológica sobre os problemas educacionais presente nos cursos de formação.

Das análises feitas sobre o ensino da Psicologia da Educação é possível inferir que ela "tem contribuído muito pouco, quando não tem sido usada até mesmo para justificar cientificamente a seletividade existente ou para fundamentar medidas paliativas e não transformadoras." (GATTI, 1995, p.15-16).

A autora ainda questiona o que se tem ensinado de Psicologia aos "milhares de alunos" dos cursos de Magistério, Pedagogia, Psicologia e Licenciaturas. Alerta também sobre os materiais utilizados, que não passam de manuais, sendo a maioria deles tradicionais e traduzidos de originais antigos e repletos de erros. Além disso,

ensina-se uma Psicologia abstrata, modeladora, sem pontos de contato com a realidade escolar. Falta-nos construir as pontes entre os modelos explicativos e o concreto vivido. Este é o papel do ensino, e os profissionais de Psicologia da Educação parecem não ter se preocupado ou conseguido erguer essas pontes. (GATTI, 1995 p.16).

Questões como as apontadas por Bernadete A. Gatti juntam-se a outras, de mesmo caráter, que vêm questionando a função e a efetiva contribuição do ensino da Psicologia para a prática do(a) professor(a). Da Psicologia, questionam-se também os conteúdos ministrados, a formação dos(as) professores(as) que ministram essa disciplina, as concepções psicológicas veiculadas nos cursos, as representações existentes acerca da Psicologia na formação de professores(as), as expectativas dos(as) alunos(as) e professores(as) em relação a essa disciplina etc.

Se, por um lado, a Psicologia, com suas produções, aplicações e articulações

possibilitou e possibilita a construção das representações já mencionadas sobre seu objeto de estudo e áreas de atuação, por outro lado, convive com uma série de críticas à sua aplicação ao ensino. Críticas que se fundam no princípio de que a contribuição da Psicologia à formação de professores(as) seria a de fornecer os elementos necessários para a compreensão da subjetividade do sujeito, os aspectos relacionados à aprendizagem/desenvolvimento/cognição/afetividade e como estes se articulam para que ocorra a construção do conhecimento.

Na busca de respostas a essas questões, as pesquisas, já mencionadas, apontam as lacunas observadas no ensino da Psicologia da Educação no Curso de Magistério, Pedagogia e Licenciaturas. Apresentam também um número considerável de reflexões críticas acerca da disciplina que, certamente, tem nos proporcionado um rico material para análise e novos direcionamentos a seu respeito. Como são inúmeras as reflexões críticas presentes nesses estudos, citarei aqui, as mais recorrentes:

- Crítica à hegemonia da Psicologia nos cursos de formação de professores(as), tornando a prática educativa direcionada por um psicologismo que pouco coincide com o conhecimento sistematizado desta área. Esse tipo de crítica iniciou-se, principalmente na década de 70, questionando a articulação entre a Psicologia e a Pedagogia, como pode ser observado no texto de POPPOVIC (1971, p.2):

... é de se lamentar (...) a falta de coordenação e entrosamento entre a Pedagogia e a Psicologia. Enquanto aquela raramente se preocupa em usar os dados proporcionados pelas pesquisas psicológicas, esta, com muita frequência, permanece num campo teórico, sem chegar a conclusões práticas de utilidade para a psicologia.

- A Psicologia contribui, a partir de sua prática, para a continuidade de uma ideologia dominante, discriminando e estigmatizando a classe popular. Isso, principalmente, devido a seus estudos sobre as diferenças individuais — Psicologia Diferencial — que serviram para

individualizar o fracasso escolar da classe popular, minimizando a contribuição dos fatores econômicos/sociais/culturais na produção desse fracasso. Dessa maneira, individualiza o que na verdade não era só individual. A consequência disso foi uma tendência de se ver a Psicologia como um conjunto de prescrições para a educação e para a solução dos problemas relacionados à aprendizagem.²

- Críticas ao caráter ideológico e “psicologizante” na utilização da Psicologia na Educação, bem como sua descontextualização e abstração ao abordar o sujeito, fora de suas relações sociais. Enfatiza-se a natureza individual do homem independente do meio social, de modo a ajustá-lo à sociedade. A Psicologia e o ensino dessa disciplina ainda estão fortemente impregnados da antinomia indivíduo *versus* sociedade e, apesar de ser reconhecida como ciência, a Psicologia não deixou de ser contestada e criticada em seus fundamentos e pressupostos.³

- O ensino da Psicologia tem sido ministrado de uma forma burocratizada como um conjunto de pontos escolares a serem ensinados, derivados de índices de livros, sem uma análise mais profunda sobre as contribuições efetivas que tal disciplina poderia oferecer à formação dos(as) futuros(as) profissionais da educação.⁴

- A disciplina de Psicologia da Educação é ministrada de forma desintegrada, no que diz respeito a seus conteúdos, estratégias de aula e avaliação. A disciplina é também desarticulada de outras disciplinas dos cursos de formação do(a) professor(a). Além disso, a Psicologia praticada pelo(a) professor(a) está muito mais ligada a uma percepção pessoal do que aos conhecimentos teóricos adquiridos em sua formação.⁵

- Os(as) professores(as) que ministram essa disciplina nos cursos de formação de professores(as) são na maioria pedagogos(as), o que os leva a ter um conhecimento limitado na área da Psicologia, dificultando as articulações necessárias entre Psicologia e Educação.⁶

- Em relação aos conteúdos trabalhados, parece que os professores, por

² cf. PATTO, (1984, 1990).

³ cf. IORIS, (1993); PATTO, (1984, 1990).

⁴ cf. PUTTINI, (1988); Conselho Regional de Psicologia – 6ª Região/Sindicato de Psicólogos no Estado de São Paulo, (1986).

⁵ cf. ASSUNÇÃO, (1994); CASTELO BRANCO, (1988); CAPARROZ, (1992); IORIS, (1993).

⁶ cf. CAPARROZ, (1992); IORIS, (1993).

não saberem os propósitos da disciplina, acabam por elencar um rol de temas e teorias, conforme a sua ordem de preferência e/ou conhecimento, gerando um ensino desarticulado a partir de temas/assuntos os mais variados. Essa diversidade de temas pode estar ligada à superficialidade dos conhecimentos daqueles que ensinam esta disciplina. Assim, a Psicologia da Educação tem-se tornado um espaço livre ou de "perfumaria", no qual os mais variados temas são tratados sem fidelidade aos conhecimentos produzidos no campo da Psicologia.⁷

Essa é uma questão que necessita ser revista, pois parece haver um consenso sobre determinados conteúdos a serem trabalhados com os(as) futuros(as) professores(as). Apesar de recorrentes nos programas de cursos e livros didáticos, parece não haver uma clareza de como alguns assuntos/temas poderão auxiliar na prática docente.

Esse quadro, a princípio um tanto desolador, traz um outro aspecto que considero bastante positivo, que é a necessidade de se refletir sobre esses fatos. Verificamos que, só bem recentemente, as questões relacionadas ao ensino da Psicologia, quer seja no Curso de Magistério, Pedagogia ou Licenciaturas, estão sendo investigadas nos trabalhos de pós-graduação,⁸ o que demonstra a preocupação com o tema, e talvez uma mudança significativa no campo da Psicologia, que via (e ainda vê?) a área e o(a) profissional do ensino como de menor prestígio, não investindo, significativamente, em estudos nessa área.

Apesar de os estudos já citados e de minhas experiências como professora de Psicologia da Educação e Prática de Ensino de Psicologia evidenciarem, a todo momento, as dificuldades encontradas em se fazer a passagem entre um conhecimento produzido numa área e sua aplicação ao ensino, esses estudos, certamente, têm promovido discussões, iniciativas e propostas⁹ que representam o início de um longo caminho, na tentativa de se (re)construir a história da disciplina Psicologia da Educação, bem como de apontar novas perspectivas para ela.

Poderia, a partir desses dados e das inúmeras críticas, afirmar que a Psi-

cologia da Educação não tem contribuído para uma formação que viabilize uma prática eficiente do(a) professor(a). No entanto, essa afirmativa talvez pudesse ser transposta também a outros campos do conhecimento que se fazem presentes no currículo do Curso de Magistério, pois seria ingenuidade atribuir à Psicologia tanto o fracasso quanto o sucesso da formação de professores(as), uma vez que esta é feita através de diversas disciplinas e em certas condições político-sociais-econômicas que não podemos negligenciar

Mesmo reconhecendo a grande contribuição que os estudos já citados vêm nos proporcionando, penso que, mais que avaliar ou julgar se a Psicologia trouxe ou traz avanços ou recuos, seria imprescindível um estudo que buscasse compreender as relações entre o que se estudou em Psicologia e o que isso causou em quem estudou. Talvez isso nos leve a compreender porque a prática docente aparece mesclada por representações e por um turbilhão de conceitos fragmentados, desarticulados, incoerentes, etc.

Nesse sentido, o que é apontado por Tomaz Tadeu da Silva (1995, p.10-11) a respeito da história do currículo, pode ser útil para se pensar a história da disciplina Psicologia, ao se referir ao fato de que uma reconstrução histórica

não deveria estar centrada numa preocupação epistemológica com a verdade ou validade do conhecimento... Uma história do currículo... não pode deixar de tentar descobrir quais conhecimentos, valores e habilidades eram considerados como verdadeiros e legítimos numa determinada época, assim como tentar determinar de que forma essa validade e legitimidade foram estabelecidas.

Além disso, ainda sabemos muito pouco, como nos lembra I. Goodson (1995), a respeito de como as matérias, conteúdos, relação entre os conteúdos, temas fixados na escola e em determinadas disciplinas se originam e são elaborados, redefinidos e metamorfoseados.

Além de todas essas críticas dirigidas à Psicologia e à sua aplicação no ensino,

⁷ cf. CAPARROZ, (1992); (IORIS, (1993).

⁸ cf. WARDE, (1995).

⁹ cf. MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. *Curso Normal — Programas de Ensino*. Belo Horizonte: SEF/FaE/UFGM, (1988); SÃO PAULO (Estado), (1990).

talvez tivéssemos ainda que refletir sobre o que é constitutivo da Psicologia. A constituição da Psicologia como uma área do conhecimento deu-se voltada, principalmente, para uma perspectiva médico/clínica e parece haver uma enorme dificuldade em aplicar esses conhecimentos na área da educação/ensino, por existir uma grande distância entre o campo de produção de um conhecimento e sua aplicação, pois não se trata de uma transposição linear.

O curso de Psicologia e sua relação com a educação e docência

No questionário aplicado aos alunos(as) já mencionados, foi perguntado como é tratada, no Curso de Psicologia, a questão da docência. A esta pergunta, as respostas obtidas nos dois anos consecutivos em que o questionário foi aplicado, mostra uma unanimidade quanto ao desconhecimento da possibilidade de se fazer a Licenciatura e o desinteresse com que esta é tratada no Curso de Psicologia. A Licenciatura só é apresentada como uma possibilidade,

No final do curso, quando vamos pedir colação de grau, aí é que somos informados de que há a Licenciatura como opção(...) Essa questão não é valorizada, os alunos que se interessam têm que correr atrás para se informar sobre o assunto. A gente não sabia se a Licenciatura era para dar aula no 2º grau ou na Universidade, só quando viemos para a FaE é que ficamos sabendo.

De modo geral, a questão da docência (Licenciatura) não é tratada no decorrer do Curso, até mesmo porque as matérias relacionadas à Educação, além de serem em um número reduzido no currículo, em sua maioria são de caráter optativo. Além disso, essas disciplinas enfocam, de acordo com o depoimento dos(as) alunos(as), a Psicologia Escolar e não a docência em Psicologia e são, ainda, tratadas como disciplinas de menor importância.

Na grade curricular do Curso de Psicologia da UFMG, que vigorava em 1997 (versão 94/2º semestre), é possível verificar a quase inexistência de disciplinas voltadas para a área educacional e/ou escolar. Encontram-se apenas as disciplinas de Psicologia Escolar e de Problemas de Aprendizagem, como parte de seu currículo mínimo, com uma carga horária de 60 h/a. Como optativas encontram-se duas disciplinas: Psicologia de Piaget e Aconselhamento Escolar, ambas com 60 h/a. Mas, de acordo com os depoimentos dos(as) poucos(as) alunos(as) que cursaram as optativas — a maioria deles(as) fez a “Psicologia de Piaget” — nessa disciplina não eram feitas referências à possibilidade de sua aplicação à educação.

Esses dados nos remetem à constatação feita por Sylvia Leser de Mello (1977, p.51) ao afirmar que a

área de aplicação que reúne o menor número de atividades atuais dos psicólogos é a Psicologia Escolar (...). Esse dado, apenas, já merece muita reflexão e coloca um problema amplíssimo: por que, em São Paulo, existe um desinteresse tão grande por uma das mais antigas e importantes áreas de aplicação da Psicologia?

Como pode ser visto, o desinteresse permanece em 1998, e não somente em São Paulo, nem tampouco relacionado apenas à área escolar, mas também a uma área relacionada a ela: a docência.

Outro aspecto muito presente nas respostas é o de que há no Curso de Psicologia uma orientação voltada, especificamente, para a formação na área clínica, seguida da área organizacional. Por outro lado, as demais possibilidades de atuação do psicólogo não são apresentadas ou discutidas ou, quando o são, aparecem como algo suplementar. No caso da Licenciatura, quando mencionada, aparece como um caminho para ingressar no Mestrado e ser professor da Universidade. Ou, então, como uma possibilidade de se manter o vínculo com a Universidade, para que o(a) aluno(a), quando for o caso, não perca o direito a bolsas de Iniciação Científica. Quanto aos que voltam, muitos anos

após terem concluído o Curso de Psicologia, alguns dizem sentir falta das discussões teóricas produzidas no meio acadêmico, sendo a Licenciatura a única possibilidade de um retorno à Universidade. Outros(as), ainda, em um número significativo, pelas dificuldades (financeiras) encontradas na área clínica, vão em busca de uma possibilidade alternativa de complementação salarial.

Quanto à omissão, e às vezes um certo desdém por parte dos(as) professores(as) em relação a outras possibilidades de atuação, que não seja a clínica, é percebida pelos(as) alunos(as) como algo bastante paradoxal, uma vez que estes(as) ocupam o lugar de "professores(as)" na Universidade.

Em geral os professores valorizam mais outras áreas de atuação da Psicologia, esquecendo-se de que estão naquele lugar como professores. Não há valorização da docência, e os professores, muitas vezes, buscam 'status' neste lugar que estão, quando por exemplo são convidados para fazerem uma palestra, aí fazem questão de serem apresentados como 'professores.

ou ainda,

Nossos professores no Curso de Psicologia, parece que têm muito da 'escuta' analítica e pouco de professores (...). É inegável o preconceito em relação à área educacional, apesar de, ironicamente, estarem nesta área(...) É bastante incompreensível.

O imaginário relacionado ao "ser professor(a)" foi outro aspecto explicitado no que diz respeito a essa questão. Para "ser professor(a)" é necessário, antes de qualquer coisa, 'vocação'. Caso o(a) psicólogo(a) se tome professor(a) é porque, antes mesmo do Curso de Psicologia, já era 'vacionado' para o magistério. Caso não tenha vocação, ele(a) se sentirá "reduzido(a)" a apenas professor(a), pois, de acordo com os(as) alunos(as), "ser apenas professor, empobrece e diminui nosso campo de trabalho." É interessante observar esse ponto de vista sobre a docência, que coloca a "vocação" como algo definidor da profissão e o magistério redutor das possibilidades de atuação do(a) psicólogo.

Não seria o contrário? No entanto, parece, como foi mencionado por um(a) aluno(a), que o Curso de Psicologia como "formação técnica de terapeutas" não permite que os(as) alunos(as) vislumbrem outra possibilidade, a não ser a de se tornar um profissional liberal e ter o seu consultório de preferência na zona nobre da cidade.

Creio ser importante ressaltar três aspectos acima mencionados: a vocação, a representação sobre o ser professor(a) e a formação clínica. A vocação encontra-se associada a algo pertencente à ordem do místico, relacionada a "dom", a qualidades especiais para a "missão" de ensinar, à doação, enfim, ao magistério como sacerdócio. Existe, sem dúvida, no discurso da vocação, a marca provocada pelos mais diversos entrelaçamentos, entre eles, a estreita relação, historicamente construída, entre religião e educação.

O "ser professor(a)", em nossa cultura, encontra-se mesclado de representações, que fazem parte de um processo de desvalorização da educação e, consequentemente, desvalorização daqueles(as) que atuam nessa área. O fato de ser uma profissão eminentemente feminina pode também trazer elementos que venham somar a essa desvalorização. Além disso, não podem ser esquecidos os salários recebidos pela categoria, o que afasta, de certo modo, as pessoas a fazerem tal opção.

Quanto à ênfase na formação clínica presente na formação do psicólogo, em uma pesquisa realizada por Marisa Japur (1996) a respeito desse curso na FFCLRP-USP, a autora constata o privilégio excessivo da área clínica, tanto em número de carga horária quanto ao de disciplinas, bem como uma tendência teórica voltada para a Psicanálise. Essa tendência na formação do(a) psicólogo(a) foi também analisada por S. Weber (1985), S. Leser de Mello (1977), M. H. S. Patto (1984), entre outros(as). Esta última salienta que, nem mesmo o período de 64 a 68, marcado por contundentes movimentos e posicionamentos políticos, conseguiu provocar alterações nos Cursos de Psicologia. Estes permaneceram "... à margem, como se nada estivesse acontecendo. Na época, os professores, os psicólogos e os alunos estavam vivendo o

sonho de transformarem-se em profissionais liberais, baseados no modelo médico de atuação" (1984, p.30).

Além dos dados e depoimentos já apresentados, creio ser importante ressaltar que, de acordo com um dos alunos

O Curso de Psicologia deixa as questões relativas à docência aos cuidados da Faculdade de Educação que, por sua vez, espera que o(a) aluno(a) já tenha uma carga de conhecimento nesta área.

Por um lado, ao questionarmos a formação daqueles(as) que se tornarão futuros(as) professores(as) do ensino médio, certamente constataremos que o Instituto de origem, no caso a Psicologia, sequer menciona a Licenciatura; por outro lado, a Faculdade de Educação recebe esses(as) alunos(as) psicólogos(as), pressupondo que são portadores de um conhecimento a respeito da Psicologia e de suas possíveis articulações com a educação. Exemplo disso é o fato de o(a) aluno(a) do Curso de Psicologia ser dispensado, na Licenciatura, de cursar a disciplina Psicologia da Educação, que é oferecida para todas as Licenciaturas. Paradoxal! Esses(as) alunos(as) são dispensados de uma disciplina que nunca cursaram, o que, a meu ver, merece ser repensado. Assim, a questão da formação de professores(as) parece não ser de mão única.

À pergunta sobre os motivos que os levaram a 'optar' pela Licenciatura, foi possível constatar que os(as) alunos(as) não a concebem como uma 'opção', mas sim como uma possibilidade de ampliar suas oportunidades no mercado de trabalho, uma vez que a clínica não vem atendendo às suas expectativas (financeiras). Com certa frequência, a atuação na área clínica aparece como algo idealizado, construído no decorrer do curso. Demonstram ainda a dificuldade em pensar numa possível relação entre Psicologia e Educação, em consequência da formação teórica que receberam, essencialmente voltada para a clínica.

Quando me formei pensava em só atuar na área clínica. Tive consultório durante 15 anos. Devido a uma queda visível de clientes, precisava

abrir novos campos de trabalho, então decidi fazer Licenciatura.

Na verdade não optei pela docência em Psicologia, (...). De qualquer forma o título proporciona uma opção a mais no mercado de trabalho.

Os(as) alunos(as) explicitaram também a necessidade de atualização e aperfeiçoamento, por estarem, muitos(as) deles(as), afastados(as) do meio acadêmico há muitos anos. Esse aspecto aparece, sobretudo, como forma de aprimorar seus conhecimentos em benefício do trabalho na clínica. Alguns deles(as) não excluem a possibilidade de se tornar, um dia, professores de Psicologia, desde que essa atividade seja conciliável e favoreça a principal área de atuação: a clínica.

Procurei a Licenciatura pela dificuldade encontrada em outras áreas de trabalho, e o fato de ser professora facilitar o andamento da clínica, à medida que você se torna conhecida como psicóloga.

Esse depoimento parece demonstrar um certo modelo de professor(a) que esses(as) alunos(as) tiveram no decorrer do curso. Expressa, ainda, para que serve ser professor(a) de Psicologia... para arrebatar pacientes...!

Houve ainda alunos(as), em menor proporção, que viam a Licenciatura como um caminho para se chegar ao Mestrado ou ao Doutorado e, com isso, a possibilidade de se tornar professor na Universidade e não no 2º grau, por ser este de menor importância, ou não gerar *status*.

Os(as) alunos(as) foram questionados, ainda, sobre suas pretensões em atuarem como professores(as) de Psicologia no 2º grau. Os(as) que responderam que pretendem atuar nesse espaço alegaram que pode se tornar uma opção a mais de trabalho e que, caso surja uma oportunidade, não iriam perdê-la, até mesmo porque seria uma forma de complementar o salário. Mas as respostas deixam a idéia de que não farão nenhum investimento ou esforço maior para se tornarem professores(as) ao afirmarem que

Em último caso sim. Não é uma opção primordial, mas se no futuro as

condições forem favoráveis à docência, não a recusarei.

Se aparecer uma oportunidade, sim, pois não deixa de ser uma maneira interessante de aumentar a experiência e conquistar novos mercados de trabalho.

Sim, se aparecer uma oportunidade que dê para conciliar com a clínica.

Os(as) que responderam negativamente à possibilidade de se tornarem professores(as) foram categóricos em afirmar que os seus interesses estão totalmente voltados para a clínica ou que a docência não é a área de trabalho deles, ou ainda que a formação deles(as) é em Psicologia e que, portanto, eles(as) são Psicólogos. Isso nos leva a reafirmar que, na visão dos(as) alunos(as), ser psicólogo exclui o ser professor. Parece que o Curso de Psicologia, ao negar tal possibilidade de trabalho, faz com que o(a) aluno(a) também não consiga se imaginar nesse lugar ou pensar que ser psicólogo é muito mais importante do que ser professor de Psicologia.

As respostas daqueles que disseram que talvez venham a pensar em tal possibilidade se aproximaram bastante das anteriores, ao afirmarem que o vir a ser professores(as) não se trata de uma primeira opção, mas que caso apareça uma oportunidade, dependendo do retorno financeiro, pensariam sobre tal possibilidade.

Foi também perguntado se, caso tornassem professores(as), pretendiam articular a docência com outras áreas de trabalho da Psicologia. A essa pergunta, mesmo aqueles que haviam respondido anteriormente que não pretendiam se tornar professores(as), foram unânimes em afirmar que havia a possibilidade de tal articulação.

A articulação da clínica com a docência foi a que apareceu em destaque, seguida, em um número bastante reduzido, da organizacional. Assim, na maioria dos casos, as áreas clínica e organizacional são consideradas aquelas onde realmente o psicólogo deve atuar, enquanto a docência é percebida como algo complementar/secundário. A clínica aparece

como uma área provedora de contribuições à docência ao afirmarem que

... pode ser possível fazer uso da Psicologia em atividades paralelas como a docência. O trabalho na clínica pode vir a enriquecer a docência (...) Não deixarei a clínica, pois é o que eu gosto na Psicologia.

A articulação da docência com a Psicologia Organizacional é explicada pelas demandas que ocorrem nas empresas:

Como psicóloga organizacional considero que a docência me auxiliará, pois na minha prática é comum as situações de se estar diante de um público maior, da necessidade de se trabalhar com as pessoas um conhecimento novo e de se levar as pessoas a construir um conhecimento.

Os poucos que apresentaram respostas diferentes disseram da possibilidade de se articular a docência com a pesquisa, no caso daqueles(as) que pretendem ingressar no Curso de Pós-Graduação e se tornarem professores(as) universitários.

Alguns(mas) alunos(as), após a experiência com a disciplina Prática de Ensino de Psicologia e com o estágio, disseram que passaram a ver a educação e a docência de um modo diferente, e que "até" começaram a pensar na possibilidade de se tornarem professores(as), apesar de tantas reticências...

...ser professora no Curso de Magistério não é o meu ideal profissional, entretanto, se for o caso, acho que vou gostar muito de trabalhar com a disciplina e tentar mudar a prática tão medíocre que pude observar neste curso. Talvez eu possa contribuir.

Inicialmente não pensava muito nessa possibilidade, mas agora, depois de feito o estágio, essa é uma possibilidade que passou a me interessar. Penso que posso contribuir para um curso mais interessante para os alunos.

Anteriormente responderia que por motivos econômicos eu não ficaria no

magistério, mas ao final do estágio sinto um maior interesse por essa área.

Tenho interesse em ser professora de Psicologia para o Magistério, porque acho que é uma forma de estar atualizando meus conhecimentos. Entretanto, as condições de trabalho desse profissional contarão contra essa escolha.

Gostaria de atuar nesta área, porque percebi que existem muitos esclarecimentos a serem feitos nesta área, principalmente em relação ao desenvolvimento global da criança. Há uma demanda, bastante significativa por parte das alunas, em relação ao conteúdo de Psicologia, mas como nesta disciplina a maior parte dos professores são pedagogos, algumas unidades do programa, como a referente à Psicanálise, é dada muito superficialmente.

Nesses depoimentos, ratificam-se as críticas feitas à Psicologia da Educação, já apontadas anteriormente: com relação aos conteúdos, a superficialidade com que estes são trabalhados, pois na maioria das vezes, o pedagogo é o profissional que se encontra ministrando tal disciplina. Paradoxalmente, muitos(as) dos(as) alunos(as) que fizeram estágio com professores/psicólogos emitiram críticas semelhantes: da falta de articulação com a futura prática docente; da seleção de um determinado tema que era de seu interesse pessoal; da superficialidade do conteúdo; da falta de coerência ...

Interessante também observar que se o pedagogo encontra-se nesse lugar, tendo competência ou não, legalmente ou não, sabendo Psicologia o suficiente para ensinar etc., é porque ocupou tal espaço, uma vez que este nunca foi desejado e construído pelos próprios psicólogos, para ser ocupado por eles. Outro fato é que as críticas atribuídas ao psicólogo/professor dessa disciplina no Curso de Magistério voltam-se para o aspecto essencialmente teórico, sem nenhuma vinculação com a educação. De fato, seria realmente difícil encontrar um profissional psicólogo/professor que realizasse

essa articulação entre a teoria psicológica e a prática educativa, uma vez que a formação no Curso de Psicologia nunca se preocupou com esse aspecto.

Talvez isso possa ser entendido

...em função dos sistemas teóricos e modelos de atuação profissional introduzidos no Brasil, importados da Europa e dos EEUU, a categoria, historicamente, não deu a devida importância para a área da docência. Com isto a Psicologia perdeu um espaço concreto, a ponto de o licenciado encontrar dificuldades burocráticas para ministrar outras disciplinas da própria área da Psicologia, ligadas à sua formação específica (Ex: Psicologia da Educação, Psicologia do Desenvolvimento etc.) (CRP/SIND.PSIC. EST. S.P.,1986, p.13-14).

Um número significativo de alunos(as) responderam que, mesmo após o estágio e de este ter sido interessante, a opção deles(as) é pela clínica e que poderiam vir a exercer a profissão de professor, desde que esta não interferisse em sua principal área de trabalho. Em todos os momentos, as respostas levam-nos a pensar que somente a clínica é a área, por excelência, de atuação do(a) psicólogo(a).

Outros(as) foram tachativos ao afirmar que realmente a docência não é a opção eleita por eles(as). Outros(as), ainda, explicitaram indecisão devido ao que presenciaram no Curso de Magistério e na disciplina de Psicologia, que os(as) deixaram bastante desanimados(as) e frustrados(as). Além disso, a avaliação que fizeram a respeito da escola e das inúmeras dificuldades vividas pelos(as) professores(as) fez com que ficassem bastante desencantados(as).

... talvez fizesse uma opção pelo magistério, mas pela falta de opção no atual mercado de trabalho. A profissão de professor parece ser muito desgastante e frustrante.

Confesso que fiquei desanimada e não sei se é isso que realmente eu quero. Senti uma desvalorização muito grande com relação ao magistério,

e principalmente à disciplina de Psicologia. Os desafios são grandes e não sei se estou preparada para enfrentá-los.

O receio de não estar preparado(a) para enfrentar os desafios da educação, bem como as inúmeras dificuldades vivenciadas pelos(as) professores(as) no cotidiano, a desvalorização da profissão docente, entre outros, foram alguns dos inúmeros aspectos abordados pelo(as) alunos(as) e que gostaria de ressaltar:

Não tenho muita certeza, porque embora haja muitas lacunas nesta disciplina, parece que os entraves são maiores que os possíveis benefícios de ser professor. Não sei se vale a pena ser professor de Psicologia.

Considerando as características do Curso de Magistério e a Psicologia neste curso (programas inexistentes, conteúdos confusos e sem contextualização...) eu fico desanimada. Se me tornar professora gostaria de fazer diferente do que vi.

Durante a observação da escola e das aulas, fiquei muito decepcionada e desanimada. Porém, ao passar para o papel esta experiência surgiu o desejo de mudar todo o quadro que vi dentro da sala de aula e lembrei-me que este curso destina-se exatamente a pensar sobre isso.

... minha experiência com a Psicologia no Magistério foi frustrante (...) quanta coisa desnecessária e inútil. Me fez pensar que é impossível ou desnecessária a Psicologia neste curso.

Não se pode negar a veracidade desses depoimentos e, quanto ao último, ele nos chama a atenção para a Psicologia que temos nos Cursos de Magistério, e muitas vezes nos de Pedagogia e Licenciaturas, que é ou são, certamente, dispensável ou dispensáveis. O espaço das aulas dessa disciplina é, com muita frequência, transformado em momentos de conselhos às mães, às namoradas, às irmãs, às filhas, às amantes etc., que demandam dessa disciplina um outro saber, e que a Psicologia, representada por

algum(a) professor(a) "menos avisado", não perde a oportunidade de, neste momento, angariar simpatias e passar a idéia de que em seu consultório todos os problemas, ali apresentados, serão solucionados. Esses(as) professores(as), quer sejam professores(as) psicólogos(as) ou professores(as) pedagogos(as), não se intimidam em transformar a sala de aula em um consultório sentimental. Talvez seja esse um dos grandes motivos que levam as alunas, tanto do Magistério quanto da Pedagogia, a gostarem tanto da Psicologia. Não que não se possa gostar, mas a questão é por que gostam, pois isso nem sempre está relacionado com uma perspectiva teórica que vise à futura prática do(a) professor(a).

Possíveis explicações

A Psicologia, assim como as demais áreas do conhecimento, tem uma história marcada por perspectivas culturais, sociais, políticas etc., que irá contribuir para a formação e construção de certas concepções sobre o indivíduo, sobre a sociedade, sobre o conhecimento etc., predominantes em cada época. Em relação à construção do conhecimento psicológico, sabemos que este traz a marca tanto de um modelo médico/clínico, ainda prevalecente na atualidade, quanto das necessidades oriundas da área educacional, ambos tão presentes, principalmente, nas primeiras décadas deste século.

Essas perspectivas e demandas, historicamente nomeadas, irão contribuir para o surgimento de uma formação específica em Psicologia, área até então ocupada pelos profissionais da área médica/psiquiátrica. Já na segunda metade deste século, em 1962, ocorre, então, a criação dos cursos de Bacharelado em Psicologia e a regulamentação da profissão. Em 1968 surgem os cursos de pós-graduação em Psicologia, que objetivavam formar pesquisadores nesta área.

De acordo com Sylvia Leser de Mello (1977, p.53), o aumento dos cursos de Psicologia, no final da década de 70, já demonstrava não ser proporcional ao número de pesquisas na área. Nesse contexto o

campo mais relegado foi o da Psicologia da Educação. A autora, baseando-se no que ocorria na USP, indica que

... o interesse pelos problemas do ensino e da escola inspirou a estréia da Psicologia como disciplina de um curso de nível superior. Esse interesse não era teórico mas descendia da grande convivência de Lourenço Filho com os problemas do ensino primário em São Paulo. Após a transferência da disciplina para a Faculdade de Filosofia, já com o nome de Psicologia Educacional, a vinculação com os problemas do ensino e da escola vai se perdendo, em parte, talvez, porque as ligações com a profissionalização dos alunos não fossem tão imediatas, em parte, talvez, graças a uma nova orientação clínica que se imprime à disciplina.

A mesma autora ainda ressalta que os cursos destinados a educadores ou à formação de psicólogos que atuavam na área de educação reduziam-se a um conjunto de disciplinas psicológicas, ao invés de se propor à formação de profissionais a análise de questões de cunho educacional. Infelizmente, é o que ainda estamos presenciando nos atuais cursos de Psicologia.

O enraizamento da Psicologia na área médica parece ser algo que tem conseguido suplantar não só o espaço cronológico, mas também a capacidade de se apresentar ainda tão vivo nas mentalidades dos indivíduos e coletividades atuais.

Finalizando: outras críticas e perspectivas

As discussões e questões apresentadas neste texto demonstram a necessidade e urgência de se reavaliar a formação no Curso de Psicologia, que prioriza a área clínica, em detrimento a tantas outras demandas atuais que a sociedade vem colocando a esse profissional. Apesar das novas demandas, ainda é visível o enclausuramento teórico e perspectivas de trabalho a que os(as) alunos(as) são submetidos(as) nesse Curso.

Frente às atuais mudanças político-educacionais, em que as questões relacionadas à formação de professores(as) tornou-se a pauta do dia, não é possível continuar oferecendo um curso completamente desvinculado da formação de origem dos(as) alunos(as). A articulação entre os Institutos que formam o bacharel com os que formam o licenciado torna-se imprescindível, a partir do momento em que entendemos que a prática docente só fará sentido para esse(a) aluno(a) se essas questões forem tratadas no decorrer de sua formação e não apenas como algo posterior ao curso, que se torna indesejável ou facilmente recusável.

Nesse sentido, não só o Curso de Psicologia necessita rever a formação que oferece como também os Cursos de Licenciatura necessitam de uma redefinição.

Quanto às críticas feitas ao ensino da Psicologia, creio ser essa uma questão que merece a atenção não só dos "professores(as) de Psicologia da Educação", ou daqueles(as) que estão, direta ou indiretamente, envolvidos com a educação, mas também dos(as) psicólogos, mesmo que estes(as) não sejam ou não se considerem "professores(as)", uma vez ser esta uma questão ampla, que inclui o conhecimento psicológico e a forma como é socializado, principalmente, nos cursos de formação de professores(as), o que torna uma responsabilidade e compromisso de todos nós que somos professores(as)... mesmo que do Curso de Psicologia.

Apesar de todas as críticas já apontadas em relação ao ensino da Psicologia, penso ser importante dizer, ainda, da ausência de estudos, reflexões e articulação dos conteúdos ministrados com as questões relacionadas, principalmente, ao gênero e à raça.¹⁰ Mesmo que atualmente já tenhamos em uma proporção bastante razoável, de pesquisas que abordam essas questões, o que percebemos é que, nos cursos de formação de professores(as), a disciplina Psicologia da Educação ignora esses aspectos e continua mostrando e falando de uma criança idealizada e imaginária, concretamente inexistente.

Finalizando, gostaria de lembrar que a baixa demanda do Curso de Psicologia

¹⁰ As questões atinentes ao gênero e à raça, apesar de imprescindíveis, tanto para a formação do(a) psicólogo(a) quanto para a formação do(a) professor(es), não serão aqui abordadas por demandarem discussões e reflexões que extrapolam ao objetivo central deste texto.

pela Licenciatura não passa, certamente, apenas pela ênfase clínica presente neste curso, nem apenas pelas questões específicas do curso de Licenciatura, mas também pela desvalorização a que os(as) professores(as), historicamente, vem sendo submetidos(as). Nesse sentido, as cau-

sas que levam os(as) alunos(as) do Curso de Psicologia (e talvez outros cursos) a apresentarem tanta resistência ao magistério, além das já apontadas, podem estar relacionadas ao fato de se tratar de uma profissão desvalorizada e, portanto, de menor prestígio social.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Jane Soares de. A Escola Normal Paulista: Estudos dos Currículos (1846 a 1990) – Destaque para a Prática de Ensino. *Boletim do Departamento de Didática*. Ano XI, n.9, Araraquara: UNESP, 1993. 157p.
- APPLE, M. Ensino e trabalho feminino: uma análise comparativa da história e ideologia. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 64, p.14-23, fev./1988.
- ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de. *As invisíveis armadilhas do magistério: Ambigüidades e paradoxos da professora primária no cotidiano escolar*. Faculdade de Educação/UFGM, 1994, p.342 (Dissertação Mestrado).
- _____. *Magistério primário e cotidiano escolar*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996, p.96.
- BENAVENTE, Ana. Dos obstáculos ao universo simbólico das professoras. Mudanças e "Resistência" à Mudança. In: STOER, Stephen R. (org.). *Educação, ciências sociais e realidade portuguesa: uma abordagem pluridisciplinar*. Porto: Afrontamento, 1991, p.171-183.
- CAPARROZ, Aceli de Assis Magalhães. *A Psicologia da educação e os cursos de licenciatura nas faculdades particulares do município de São Paulo*. PUC/SP, 1992. (Dissertação Mestrado).
- CASTELO BRANCO, Lisandre Maria. *Psicologia para quê?* A Psicologia ensinada e a Psicologia praticada (subsídios para a compreensão do papel do professor). Faculdade de Educação/USP, 1988, p.243 (Tese Doutorado).
- CLAPAREDE, E. *Psicologia da criança e pedagogia experimental*. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1956, p.539.
- CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 6. REGIÃO / SINDICATO DOS PSICÓLOGOS NO ESTADO DE SÃO PAULO. *Psicologia no ensino de 2º grau: uma proposta emancipadora*. São Paulo: EDICON, 1986, p.183.
- FEITOSA JÚNIOR, Manoel. *A psicologia educacional na opinião do aluno do curso habilitação para o magistério*. PUC/SP, 1991. (Dissertação Mestrado).
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Matrizes do pensamento psicológico*. São Paulo: Vozes, 1991.
- GATTI, Bernadete Angelina. *Políticas educacionais no Brasil e a formação de professores*. I Congresso internacional de formação de professores nos países de língua de expressão portuguesa – linhas de rumo em formação de professores. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1993, p.533.
- _____. A estrutura e dinâmica das licenciaturas: problemas antigos, alternativas e o papel da psicologia da educação. *Psicologia da Educação: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, n.1, p.09-20, São Paulo: EDUC, 1995.
- GOODSON, Ivor F. *Currículo: Teoria e história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p.139.
- GOUVEA, Maria Elena de. *Caracterização da disciplina Psicologia da Educação para a formação de professores do 2º grau no âmbito do Centro Específico para a Formação e Aperfeiçoamento do Magistério – CEFAM*. PUC/SP, 1992. (Dissertação Mestrado).
- IORIS, Stela Maris da Silva. *As contribuições da Psicologia da Educação na formação de professores no Estado do Paraná*. PUC/SP, 1993. (Dissertação Mestrado).
- JAPUR, Marisa. Formação em Psicologia: análise dos aspectos estruturais de um curso de graduação. *Paidéia – Cadernos de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP*, n.10/11, p.131-148, Fev./Ago/96.
- KITAHARA, Adil Margarete Visentini. *O ensino da Psicologia da Educação no curso de Pedagogia: um estudo das relações entre teoria e prática*. PUC/SP, 1992. (Dissertação Mestrado).

- MELLO, Sylvia Leser. *Psicologia e Profissão em São Paulo*. São Paulo: Ática, 1977, p.152.
- MINAS GERAIS – Secretaria de Estado da Educação. *Curso Normal: Programas de Ensino*. Belo Horizonte: SEE/FAE/UFMG, 1988, p.144.
- OLIVEIRA, Célia Cristina. *Psicologia da educação na formação pedagógica de professores*. PUC/SP, 1992. (Dissertação Mestrado).
- PATTO, Maria Helena Souza. *Psicologia e Ideologia*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984, p.229.
- PATTO, Maria Helena Souza. Política educacional e formação profissional do psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 4 (2): 1984, p.24-33
- PATTO, Maria Helena Souza. *A produção do fracasso escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1990, p.385.
- PUTTINI, Escolástica Fornari. *O ensino da Psicologia aplicada à Educação no Curso de Habilitação ao Magistério*. PUC/SP, 1988. (Dissertação Mestrado).
- ROSEMBERG, Fulvia. Psicologia: profissão feminina. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.47, p.32-37, nov./1983.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Propostas curriculares de Psicologia da Educação para os cursos da habilitação específica para o magistério*. São Paulo: SEE/CENP, 1990, p.15.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidades terminais: As transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p.273.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Apresentação. In: GOODSON, Ivor F. *Currículo: Teoria e história*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996. p.7-13.
- WARDE, Mírian. Psicologia e Educação: a produção discente na pós-graduação em educação no Brasil (1982 a 1991). *Psicologia da Educação*: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n.1, p.43-62, São Paulo: EDUC, 1995.
- . Para uma história disciplinar: psicologia, criança e pedagogia. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997. p.289-310.
- WEBER, S. Currículo mínimo e o espaço de pesquisa na formação do psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 5 (2): p.11-13, 1985.